

A MORTE DO CONTRAPODER

Nanci Leonzo

“Il n’ya pas de démocratie effective sans vrai contre-pouvoir critique.”

Pierre Bourdieu, 1993.



A história construída é importante e perigosa. A essa conclusão chegou, após exaustivas pesquisas, o professor Antoon de Baets, do Departamento de História da Universidade de Groningen (Países Baixos), em precioso relatório sobre trezentos e sessenta historiadores perseguidos e censurados, em quase setenta países, no período de 1945 a 1995. Tal documento, destinado, principalmente, a conscientizar nossa comunidade da utilidade de uma ação conjunta com as organizações de direitos humanos no sentido de viabilizar uma postura solidária, mas também preventiva, chega, sem dúvida, em boa hora. Todos sabemos como o esquecimento é algo quase incontrolável. E o nosso passado recente, registrado no trágico *O Livro Negro da USP*,

editado graças ao empenho da Adusp, está aí para provar que colhemos, ainda hoje, os frutos da intolerância política e da tentativa de controle ideológico plantados na ditadura militar. Os tempos são outros, mas as práticas, muito semelhantes...

O relatório de Baets, apresentado, parcialmente, durante o XVIIIth International Congress of Historical Sciences, que se realizou de 27 de agosto a 3 de setembro de 1995, na cidade de Montreal, é dedicado à memória de todos os cidadãos envolvidos de algum modo com o passado e que lutaram pelo direito de escrever, com liberdade e autonomia, a história, algumas vezes colocando em risco a própria vida. Sob essa perspectiva, é plenamente compreensível o uso de uma definição flexível do termo “historiador”, empregado para designar, de um lado, os que atuam no

campo histórico (historiadores, arquivistas, arqueólogos e também estudantes de história) e, de outro, os autores de trabalhos históricos, acadêmicos ou não acadêmicos, independentemente de sua instrução ou profissão (jornalistas, políticos, etc.). Nota-se, assim, que importantes cuidados metodológicos foram tomados para garantir ao texto final um bom índice de confiabilidade, não obstante seu caráter um pouco provisório, pois Baets encontrou muitas dificuldades para comprovar boa parte das informações recolhidas. Todavia, mesmo lidando com o que denominou “provas imperfeitas”, conseguiu agrupar as evidências disponíveis em três categorias: a) informações gerais sobre a censura da história; b) historiadores censurados ou perseguidos dentro do campo histórico; c) historiadores censurados ou perseguidos fora do campo histórico. O resultado foi surpreendente: a repressão configurou-se como algo comum e multifacetado, podendo surgir nos mais diferentes contextos políticos e historiográficos.

Ao discutir as “provas imperfeitas”, Baets nos lega significativas reflexões sobre a natureza e o alcance da censura. Denuncia o fato de que ela toma, reiteradas vezes, o caráter de “tortura menor”, pois acaba impondo restrições às carreiras acadêmicas, restrições estas muitas vezes mantidas em segredo pelas próprias vítimas. O seu desenvolvimento em uma atmosfera sigilosa visa, sobretudo, atingir o âmago do historiador, que passa a se submeter, conscientemente, ao processo de auto censura, talvez mais danoso do que todas as outras formas visíveis de repressão. Sem espaço para contestação, o intelectual, condenado à condição de sujeito passivo, contribui, em minha opinião, para que se consolide, nas mais diferentes esferas decisórias, a “marca degenerescente do compromisso negociado”, do qual nos falou, em primoroso texto, o saudoso Florestan Fernandes.

Mas as pesquisas de Baets têm, como já assinalai, objetivos práticos, que se corporificam através da Network of Concerned Historians (NCH), organização que se apresenta como universal, independente e sem fins lucrativos, onde informação, pesquisa e ação se combinam com o propósito de agilizar, quando necessário, a American Association for the Advancement of Science e a Anistia Internacional. O Grupo de Trabalho que atua na NCH, sob o comando do

próprio Baets, do qual faço parte, entende que, despertando a atenção para os diferentes casos que se configuram como episódios em que ocorreu a violação dos direitos humanos, acaba colaborando para que os censurados ou perseguidos obtenham um pouco de imunidade e proteção. Os poderes constituídos, por sua vez, não vêem com bons olhos a possibilidade de divulgação de atos arbitrários, e nenhum deles, por certo, tende a acentuar os mecanismos repressivos quando ameaçado de uma condenação coletiva fora de suas fronteiras.

Seria ilusório imaginar que estamos hoje livres das diferentes formas de censura no âmbito dos estudos históricos. Há casos recentes em todo o mundo. Os exemplos vão da Guatemala à China; da Bulgária aos Estados Unidos. Na Albânia, por exemplo, segundo informações chegadas, no último mês de março, à sede da Anistia Internacional em Londres e repassadas à NCH, vários cidadãos foram acusados de atividades anticonstitucionais. Elvira Shaplo, historiadora, e Vladinir Qiriaqi, arqueólogo, sofreram ameaças por terem participado da elaboração de um guia turístico de Gjirokast contendo uma fotografia de Enver Hoxha, um nativo da cidade e antigo líder comunista. Quanto ao Brasil, as informações em poder de Baets que cobrem a ditadura militar são reduzidas. Temos o dever de completá-las ou mesmo corrigi-las. O mesmo vale para Portugal. Joaquim Barradas de Carvalho, o historiador que, por anos, permaneceu conosco colaborando com o Departamento de História, era para Baets um nome desconhecido.

A crença na impossibilidade de um retrocesso político parece alimentar o esquecimento e o desinteresse pelo nosso passado recente. O fato é que vivemos desmobilizados, empenhados em combates que dividem o campo científico e alienam a comunidade. Luta-se, na atualidade, apenas por cargos e títulos e não pelo direito de garantir aos insatisfeitos uma vaga nos círculos destinados, teoricamente, à livre discussão dos problemas acadêmicos. É o poder aniquilando, dia-a-dia, o contrapoder crítico. É a universidade se submetendo ao jogo político sustentado pelo “é dando que se recebe”. Os tempos são outros, mas as práticas, muito semelhantes.

Nanci Leonzo é profa. associada - Depto. de História.